

# **Léxico, corpo humano e práticas corporais: uma proposta de material didático para o ensino da língua Tembé-Tenetehára**

Daiane Fernandes BRAGA

**Resumo:** Este trabalho consiste em um estudo do léxico das partes do corpo humano, associado às práticas corporais, na língua Tembé, falada pelo povo Tembé-Tenetehára, habitante da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), estado do Pará. Partimos do pressuposto de que o léxico de uma língua transporta e salvaguarda informações históricas, culturais e linguísticas de uma sociedade, entre outras. Para a efetivação desse estudo, recorreremos à pesquisa bibliográfica e à pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se, principalmente, em autores como Biderman (1996), Krieger (2006), no que respeita ao estudo do léxico, Rodrigues (1985;1993), Boudin (1966; 1978), Carvalho (2001) e Silva (2010) como fonte para a linguística indígena e para a língua Tembé especificamente; Wagley e Galvão (1961) e Gomes para a historiografia Tenetehára, bem como Almeida e Suassuna (2010) e Grando (2024) para as reflexões sobre práticas corporais. A pesquisa de campo foi realizada na Aldeia Sede, tendo como principais colaboradores os professores de língua indígena Tembé dessa aldeia. A partir desse estudo, elaborou-se um livro destinado ao público infantil com o fim de ser utilizado como material didático no ensino da língua Tembé e, assim, contribuir para o fortalecimento da proficiência lexical e cultural do público-alvo. Importa ressaltar que a elaboração de material didático é uma necessidade manifestada por professores da língua indígena Tembé que vivenciam processos de revitalização de sua língua e cultura. Esta pesquisa tem o propósito de colaborar para a expansão, fortalecimento e manutenção da língua e cultura do povo Tembé-Tenetehára, estimulada por seu protagonismo e desejo de permanência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; Práticas corporais; Partes do corpo humano; Língua Tembé.

## **Introdução**

A problemática situação das perdas de línguas indígenas é tema amplamente discutido e tem chamado a atenção de povos indígenas, linguistas e estudiosos que desenvolvem estudos com povos indígenas. Como se sabe, a revitalização linguística é um dos meios pelos quais os povos indígenas podem fazer manutenção de sua cultura e costumes vivos para as gerações subsequentes. Este trabalho tem relação com a questão da revitalização linguística voltada especificamente para o povo Tembé-Tenetehára, povo indígena que habita a Terra Indígena Alto Rio Guamá, doravante TIARG.

A pesquisa da qual resulta este artigo consiste no levantamento de material lexical referente às partes do corpo humano na língua Tembé, associado às práticas corporais Tembé com o propósito de constituir um *corpus* desse campo semântico-lexical para um futuro material didático. Assim, como produto da pesquisa, propôs-se um livro contendo o léxico do corpo

humano associado às práticas corporais e culturais do povo Tembé-Tenetehára destinado a crianças das séries iniciais em processo de aprendizado da língua na escola.

A ideia de reunir o léxico das partes do corpo humano em um material à parte justifica-se pelo fato de que não há um registro acessível às crianças que estão na escola aprendendo a língua. Embora haja um importante e valioso dicionário em duas versões, Tembé-português e português-Tembé, este não é um material de fácil acesso aos indígenas em geral, muito menos às crianças. Ademais, a proposta foi feita em parceria com os professores indígenas da aldeia, a partir da necessidade apresentada por eles mesmos.

Compreendemos o ensino do léxico como um forte aliado no que diz respeito à revitalização linguística, em razão de que, léxico e cultura são domínios inseparáveis e é salutar que o ensino de língua, sobretudo em contextos de revitalização, esteja associado à cultura.

Assim, entendemos que é possível associar o ensino do léxico referente às partes do corpo humano às práticas corporais indígenas, tais como as danças, os grafismos, os jogos, as brincadeiras e outras práticas que se fazem presentes na vivência desses povos em que o corpo tem lugar fundamental, sendo a própria “tela” ou “espaço” em que os grafismos são pintados, os adornos são colocados e as práticas espirituais e de cura são efetivadas. Dessa forma, o trabalho tem como propósito contribuir com a feitura de material didático para o ensino da língua e, ao mesmo tempo, da cultura.

Por conseguinte, vale mencionar que o estudo em questão é fruto do projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Pará –UFPA. Este estudo baseia-se em estudos bibliográficos e na coleta de dados de termos referentes às partes do corpo humano da língua Tembé-Tenetehára, falada na região do Alto Rio Guamá, no estado do Pará. Contribui para validar a relevância dos estudos de língua indígena e reafirmar a necessidade do processo de ensino e retomada de língua Tembé, por intermédio do estudo do léxico em associação com as práticas corporais.

Para nortear esta pesquisa tomamos como base os estudos de Biderman (1996), Krieger (2006), no que respeita ao estudo do léxico, Rodrigues (1986;1993), Boudin (1966; 1978), Carvalho (2001) e Silva (2010) como fonte para a linguística indígena e para a língua Tembé especificamente; Wagley e Galvão (1961) e Gomes para a historiografia Tenetehára, bem como Almeida e Suassuna (2010) e Grando (2024) que discutem a respeito dos sentidos e significados das práticas corporais e ainda Franchetto (2020) e Ferreira (2020) que tratam sobre a relevância da documentação das línguas indígenas.

O presente trabalho está dividido em quatro seções: na primeira, trazemos um breve histórico sobre o povo Tembé-Tenetehára; na segunda discorremos sobre as línguas indígenas,

os desafios para a manutenção da língua e cultura e a relevância das práticas corporais como aliadas na manutenção das línguas; na seção seguinte, a terceira, tratamos das contribuições das ciências do léxico para o ensino de língua; e na quarta seção, trazemos reflexão sobre a importância dos materiais didáticos para auxiliar o ensino das línguas indígenas.

O objeto de estudo escolhido está relacionado a uma importante pergunta de pesquisa: qual é o léxico básico referente às partes do corpo humano ainda reconhecido e preservado pelos falantes da língua Tembé da Aldeia Sede? A partir dessa pergunta, a pesquisa teve os objetivos a seguir delineados:

**Objetivo Geral:** reunir os dados lexicais sobre as partes do corpo humano em língua Tembé reconhecidos pelos falantes que habitam a Aldeia Sede e que constituam um *corpus* para a elaboração de um livro destinado ao público infantil a ser usado como material didático no ensino de língua indígena Tembé.

**Objetivos específicos:** proceder a um levantamento do léxico referente a partes do corpo humano na língua Tembé nos dicionários de Max Boudin (1966; 1978); pesquisar o léxico referente ao corpo humano na língua Tembé junto aos falantes Tembé que habitam na Aldeia Sede, região do Guamá; selecionar o léxico para constar no livro segundo a ortografia Tembé adotada na escola; organizar o material lexical em um formato preliminar do livro planejado.

## **Metodologia**

A gênese deste trabalho se deu a partir de meu interesse pela temática indígena, estimulado pela proposta do Plano de ensino do PIBIC e pela minha experiência de residir no município de Acará, marcado pela presença do povo indígena Tembé-Tenetehará.

A pesquisa iniciou-se com uma formação teórica a partir de pesquisa de natureza bibliográfica e investigação prévia sobre o tema da pesquisa como uma etapa preliminar à pesquisa de campo. É um estudo pautado em uma abordagem qualitativa que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p.70), é uma abordagem em que “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave.”. Com isso, consideramos que o ambiente foi a fonte essencial para a coleta de dados e obtenção de informações, por meio de uma pesquisa de campo.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi necessário utilizar os dicionários da língua Tembé, de Boudin, (1966;1978) e a tese de doutorado de Silva (2010) para o levantamento lexical nos quais, inicialmente, foram catalogados 81(oitenta e um) termos do corpo humano. Após este estudo, foi necessária a confirmação dos dados obtidos no dicionário com os

professores falantes da língua Tembé, habitantes da Aldeia Sede, da TIARG. Com eles, foram coletados e confirmados, 60 (sessenta) unidades lexicais reconhecidas e usadas por eles.

Após a coleta e confirmação dos dados, foi feita uma planilha distribuindo as unidades lexicais de acordo com três tradicionais divisões do corpo humano: cabeça, tronco e membros (superiores e inferiores). Como a escrita adotada no dicionário de Boudin 1966;1978) é diferente da adotada atualmente no ensino escolar de língua indígena, fizemos o registro das unidades lexicais considerando esta última.

Em seguida, a partir dos dados selecionados, elaboramos o protótipo de um livro das partes do corpo humano para o público infantil. A proposta inicial é que seja bilíngue – em Tembé com o equivalente em português – e ilustrado pelas próprias crianças da aldeia. Para isso foram realizadas duas oficinas de desenho na Aldeia Sede: uma realizada em 2023 e outra em 2024. Estas foram feitas com o objetivo de criar um momento para as crianças produzirem desenhos referentes às partes do corpo que pudessem ser utilizadas no livro como ilustração.

A seguir preocupo-me em mostrar pequenos registros dessa trajetória, tanto da coleta de dados quanto da oficina de desenho.

[figura 1: coleta de dados.]



Fonte: Braga, 2023.

[figura 2: oficina de desenhos]



Fonte: Braga, 2024.

[Figura 3: desenhos das crianças]



Fonte: Braga, 2024.

A imagem 1, retrata a minha primeira entrada na Aldeia Sede, onde tive meus primeiros contatos com o povo Tenetehára e iniciei a coleta de dados com os falantes. A imagem 2 corresponde à minha segunda entrada na aldeia, ocasião em que organizamos uma oficina de desenho com as crianças da aldeia como participação destas no livro planejado.

Essas imagens retratam momentos do meu trajeto de pesquisa, em que tive como colaborador principal, o senhor Gecy Tembé, que é um dos protagonistas nesse processo de revitalização linguística na Aldeia Sede. Ele é o professor da língua que acompanhou mais de perto a revisão dos dados coletados desta pesquisa.

Esta pesquisa, teve êxito no que se propôs, sobretudo pela fundamental participação dos professores indígenas Tembé-Tenetehára. As aldeias da região do Guamá ainda não dispõem de um número suficiente de professores que possam atender com conforto às demandas do ensino da língua Tembé nas escolas das aldeias. A Aldeia Sede, por exemplo, onde realizamos nossa pesquisa, conta com 3 professores: Bewãri Tembé, Kuzà Tembé e Gecy Tembé. Com todas as demandas do ensino escolar, esses 3 professores ainda ministram aula da língua Tembé para toda a comunidade quase sem material de apoio registrado na língua.

A pesquisa de campo me permitiu entrar em contato com um povo cujas informações eu só dispunha por meio da leitura de livros. Poder estar junto com o povo solidificou o estudo bibliográfico preliminar e trouxe a noção da existência real do povo que está vivo e resiste a múltiplas intempéries vividas em seu percurso histórico. A seção a seguir traz um panorama histórico do povo Tembé-Tenetehára.

### **Breve histórico sobre o povo Tembé-Tenetehára.**

De acordo com Wagley e Galvão (1961) e Gomes (2002), os Tembé, juntamente com os Guajajára são os remanescentes dos Tenetehára, povo que foi localizado pelos franceses na região do Maranhão-PA, especificamente, na extensão do Rio Alto Pindaré, no início do século XVII, no ano de 1615, quando uma expedição francesa estabeleceu seus primeiros contatos com esse povo. Tempos depois, com a vitória portuguesa e o avanço do projeto de colonização no Brasil, em 1653 os jesuítas deram início aos trabalhos de catequisar os Tenetehára do Pindaré.

Wagley e Galvão (1961) relatam que um dos principais fatores que corroboraram para a não exploração imediata da região em que viviam os Tenetehára, nos primeiros séculos de colonização, foi o difícil acesso a essas regiões, incluindo a ausência de recursos naturais e a dificuldade de agricultura. Ainda de acordo com os autores, os indígenas eram catequisados e

encorajados a influenciar cada vez mais outros indígenas para a missão dos jesuítas. De acordo com os registros dessas missões, muitos indígenas Tenetehara buscavam refúgio nas matas, pois muitos temiam os caçadores que usavam de violência para contê-los. A missão que os jesuítas carregavam consistia na civilização e evangelização indígena, tornando-os credores de sua fé cristã. Conforme Gomes (2002), um dos principais objetivos dos colonizadores em sua missão jesuíta era pôr fim no sentimento de pertencimento que englobava a manifestação religiosa e cultural dos povos indígenas, sendo esses um dos motivos para tais deslocamentos.

Vale ressaltar que, durante o período da conquista do Novo Mundo, muitos indígenas, senão a grande maioria, inclusive o povo Tenetehára, passaram a ser subjugados ao gosto dos europeus. Assim, sofreram múltiplos impactos, passando a utilizar nomes dados pelos colonizadores e sendo proibidos de exercer suas tradições, cultura e, principalmente, sua língua.

O projeto de colonização prosseguiu, mudando, apenas de atores. De acordo com Wagley e Galvão (1961), no final do século XVIII, o domínio que era atribuído às aldeias desse local, passou a ser de autoridades civis e não mais dos colonizadores, o que configurou progressivamente na ocupação de brasileiros<sup>1</sup> nessa região. Isso resultou no intenso contato dos não-indígenas com os Tenetehára. Essa dinâmica contribuiu para o princípio do processo de assimilação de culturas entre povos distintos.

Já por volta do século XIX, parte dos Tenetehára que habitavam no Maranhão, migraram para o estado do Pará, onde residem atualmente, distribuindo-se nas regiões do rio Gurupi, Guamá e Capim, passando a ser denominados Tembé. Os que ficaram no Maranhão são chamados de Guajajára.

Já no estado do Pará, os Tembé, continuaram a sofrer os efeitos da colonização. O embate com o projeto colonizador trouxe grandes consequências como baixa demográfica em decorrência de violência de seus corpos, resultando em uma enorme perda para o povo, principalmente no que diz respeito à continuidade de seu povo, de sua língua e de sua cultura.

O povo Tembé tem sua trajetória marcada pelos efeitos da colonização, que ainda não cessou, mas também tem as marcas da resistência, conseguindo sobreviver até o presente, lutando pelo território, língua e cultura. Prova disso é o movimento de reconquista de território, o retorno aos ritos mais importantes e o processo de revitalização linguística.

A preocupação com a língua entre os povos indígenas tem sido um assunto que ganhou palco nos últimos anos em virtude do impacto que as línguas minorizadas têm sofrido ao redor do mundo com o risco de desaparecimento em algumas décadas. O reconhecimento da

---

<sup>1</sup> O termo brasileiro era destinado aos habitantes rurais não indígenas (Wagley e Galvão (1961)).

importância das línguas como fatores de identidade tem sido um dos elementos propulsores na luta para a preservação das línguas de grupos minorizados.

### **Línguas indígenas: desafio para a manutenção da língua e da cultura.**

A língua humana é um fenômeno considerado não estático, pois está em constante processo de construção e movimento e, se ajusta às necessidades humanas, não escapando ao movimento da história dos povos. É, principalmente, por meio dela que os sujeitos conseguem manter sua comunicação e garantem as trocas culturais, caracterizando, assim, um contínuo movimento. Além disso, a comunicação se revela como sendo parte da interação e necessidade do ser humano, para o despertar da comunicação e interação verbal, segundo BAKHTIN (1997):

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo e contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (BAKHTIN, 1997, p.109)

O excerto de Bakhtin chama a atenção para a importância dos sujeitos na construção da língua. As línguas indígenas, assim como as demais existentes no mundo, estão em constante movimento e sofrem as influências da dinâmica da vida de seus falantes. Assim, quando uma língua deixa de ser falada, a comunidade perde o principal veículo de expressão cultural e, sem o uso, morre o saudável e característico movimento de construção, gerado na interação verbal.

Rodrigues (1986) afirma que, no Brasil, antes do avanço colonial em 1500, o número de línguas indígenas era, sem dúvida, muito superior ao dos dias atuais. Segundo o autor, (1993) acerca de 1.000 línguas foram perdidas em decorrência do encontro dos povos indígenas com os europeus, havendo 85% de redução linguística, resultando em uma somativa de apenas 180 espécies linguísticas. E a ameaça de mais desaparecimento continua no presente.

Portanto, é urgente a documentação de línguas indígenas em favor da defesa da vitalidade das línguas dos povos originários. Sabemos o quão desafiadora é a manutenção das línguas e culturas desses povos, principalmente por falta de políticas públicas e também por vivenciarem uma situação de vulnerabilidade e o desinteresse por parte de autoridades governamentais em favor dos seus direitos. Conforme Gomes (2012):

A bem da verdade, a relação que o índio têm com o Brasil, sob tantos aspectos, não é pior nem melhor do que trinta ou oitenta anos atrás. Os mesmos problemas de séculos

passados permanecem: má vontade e desleixo das autoridades para com os habitantes autóctones deste país, política indigenista dúbia, ambição por parte das elites político-econômicas e falta de solidariedade humana (GOMES, 2012. p.16)

A escassez de políticas públicas que visibilizem a problemática, da morte linguística e cultural deveria se tornar prioridade das autoridades governamentais. A morte de uma língua caracteriza prejuízos para a sociedade de uma forma geral, pois implica, também, a perda de memórias históricas, conhecimentos acerca da natureza, cosmologias e formas singulares de estar no mundo, entre outros fatores que envolvem os povos indígenas.

Atualmente há um número bem reduzido de falantes em comunidades tradicionais, e os poucos que ainda existem são, em geral, os anciãos, que são considerados os salvaguardas da língua e dos demais saberes de seu povo. No entanto, implicações decorrentes do capitalismo ameaçam esses guardiães: o grande avanço do agronegócio, do desmatamento, a remoção dos indígenas de seus territórios são grandes responsáveis pela pressão que essas línguas vêm sofrendo. A urgência é notória, como evidencia Costa (2013):

Como esses grupos possuem poucos falantes, são necessárias uma política de revitalização e outra de manutenção da revitalização. Isso porque, mesmo as línguas para as quais ainda há falantes, um grande número delas se encontra em processo de diminuição de seu uso, exigindo assim uma política a curto, médio e longo prazo. (COSTA, 2013, p.128)

Assim sendo, a manutenção de língua e cultura dos povos indígenas vai além de apenas trazer o tema como importante para a sociedade no nível do discurso. A urgência pede por políticas linguísticas que apoiem os indígenas e as iniciativas colaborativas de seus parceiros. A preservação e o fortalecimento de línguas indígenas caminham lado a lado com o fortalecimento da cultura, de modo que fortalecer a cultura também é igualmente urgente.

### **As práticas corporais na cultura indígena**

Almeida e Suassuna (2010), com base em observações feitas a partir dos IX jogos indígenas, observaram que as práticas corporais são formas pelas quais diversas etnias conseguem interagir de forma mais dinâmica entre si, além de ser um importante ponto de manifestação cultural. Para os autores, entre as práticas corporais, estão os jogos, brincadeiras tradicionais, ritos, danças, pinturas corporais, grafismos, adornos e jogos esportivos. Tais práticas são formas de reafirmação da cultura de um povo e de aprendizado entre culturas.

Grando (2004) também traz uma abordagem acerca do que se considera práticas corporais e qual sua função nos grupos sociais, principalmente, para a organização social indígena. Segundo a autora:

[...]o conceito de práticas corporais, entendendo-as como práticas sociais que associam a tecnologia a estéticas corporais específicas para manifestar no corpo e com o corpo os sentidos e significados da beleza, da alegria, da religiosidade, da moral, de determinado grupo étnico, e que possibilitam a construção de um ideal de pessoa. As práticas corporais, portanto, são manifestações culturais. Essas manifestações são explicitadas nos movimentos corporais identificados como dança, jogo, formas de exercitar, luta, competições esportivas, etc. Essas práticas corporais expressam uma educação específica do corpo que por sua vez explicitam a concepção de pessoa em cada sociedade. (Grando, 2004, p.60)

As práticas corporais se diferenciam substancialmente em cada grupo étnico, assim como a cultura, visto que cada grupo étnico possui seus próprios costumes, formas de manifestar sua dança, de praticar seus ritos, cantos, seus traços expressos em pinturas etc. Fatores como esses são peças fundamentais para a construção da identidade de cada indivíduo, pois é por meio dessas práticas que os sujeitos vão percebendo as simbologias presentes em cada uma delas, desde o início do seu preparo até a concretização dessas práticas.

Os ritos de passagens, por exemplo, envolvem muitas camadas de preparo para que ocorram de forma correta. Nesses ritos estão envolvidas outras práticas corporais como danças, cantos específicos, indumentárias, pinturas corporais, que carregam significados diferentes.

Diante disso, é possível afirmar que a cultura é manifestada e reconhecida por meio do comportamento físico e das interações sociais. A comunidade consegue, em conjunto, uma espécie de conexão quando ocorrem as manifestações culturais de sua comunidade. Essas manifestações são inseridas desde cedo na vida do indivíduo, como um modo de este se reconhecer e construir sua identidade cultural a partir dos ensinamentos de sua comunidade.

### ***A importância das práticas corporais para os povos indígenas***

Conforme já mencionado, as práticas corporais, para os povos indígenas é envolvida por múltiplos significados. Grando (2004, p.195) reforça dizendo que cada técnica corporal é uma aliada da construção e educação identitária, sendo um processo construído de forma voluntária, ou involuntária, uma vez que, inserido em determinado contexto social o sujeito acaba adquirindo os aspectos da cultura do seu povo, que são rotineiros. Assim entre esses povos, há o cuidado e a preocupação em se ensinar, desde cedo, as práticas corporais para as crianças. Isso vai desde os ensinamentos da relação com a natureza, perpassando pelas brincadeiras,

cantos, ritos, danças e grafismos. Tudo isso com a implicação de simbologias específicas para cada povo.

O ensinamento da relevância da corporalidade é um processo que ensina, desde muito cedo, sobre a importância da organização social e, também, do coletivo. Assim como evidencia, Almeida e et al (2010, p.64): “O corpo humano nas sociedades indígenas brasileiras é construído socialmente para se tornar coletivo. A corporalidade é uma dimensão fundamental para o processo de ensino de conhecimentos, habilidades e técnicas da pessoa indígena.”

Analisando tal conjuntura a respeito da importância da corporalidade, é pertinente refletir sobre esse aspecto é considerado nas comunidades indígenas. As práticas ou técnicas corporais são umas das formas de resistência e revitalização cultural de uma dada comunidade, uma vez que é por meio delas que os ensinamentos são passados para os mais jovens, considerados repletos de simbologias, envolvendo sentidos e significados únicos para cada etnia. Além disso, são alicerces para formar o sujeito dentro da particularidade de sua comunidade, ensinam sobre a importância da construção identitária, sobre a moral, costumes e tradições, caracterizando, dessa forma, a manutenção da ordem social.

Almeida e et al (2010) revelam em seus estudos a importância das práticas corporais indígenas e como isso também interfere na fabricação do ser social de sua comunidade:

Os indivíduos, desde o nascimento, apreendem valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural é incorporado ao seu conjunto de expressões. A cultura ordena o meio a partir de regras; no caso do corpo, seu controle torna-se basilar para o desenvolvimento de padrões culturais específicos. (Almeida e et al, 2010, p.60)

Com isso, percebe-se que a fabricação corporal é um importante aliado para a formação social de cada comunidade, pois esta formação torna-se fator de resistência e pertencimento para cada sujeito. Em virtude disso, quando um povo indígena é privado de realizar suas práticas corporais por forças e circunstâncias externas sofre impactos em sua identidade.

### ***As práticas corporais dos Tembé-Tenetehára***

As práticas corporais dos Tembé-Tenetehára sofreram fortes impactos em decorrência do contato. Durante a invasão territorial e a imposição dos colonizadores, algumas dessas práticas foram deixando de ser praticadas com consequências negativas à cultura desse povo, visto que tais práticas são formas pelas quais os povos expõem e praticam suas identidades.

Observando os estudos de Wagley e Galvão (1961) sobre a tradição Tenetehára, nota-se que práticas bastante recorrentes à época, ainda o são, outras, no entanto, já não fazem mais parte do cotidiano do povo Tembé. A festa do milho, por exemplo, que se baseava no

acompanhamento do crescimento do milho, acompanhado de dança, canto e cerimônias xamânicas já não é realizada pelos Tembé. Com a dinâmica cultural, algumas brincadeiras como pião, jogos de caça, construir arco e flecha também foram deixando de fazer parte das práticas corporais e culturais da comunidade.

Atualmente, a festa da menina moça, que antes era chamada de festa da puberdade, que é um rito de passagem das crianças para a vida adulta, permanece entre os Tembé. Os rituais xamanísticos, as danças e cantorias ainda se encontram bem presentes na cultura. Destacam-se, também, as pinturas e grafismos corporais que são praticados. Além disso, foi possível observar que o povo adotou os jogos de futebol como prática de lazer na comunidade.

Mesmo considerando que as culturas são dinâmicas, observa-se que a ação colonizadora forçou as perdas culturais. Apesar disso, muitas práticas dos povos indígenas sobreviveram e o povo Tembé tem retornado a algumas dessas práticas como forma de fortalecimento de sua identidade. Tais práticas constroem a consciência da importância da construção do seu corpo em conjunto com as simbologias na sua comunidade, sendo o corpo a forma de transmissão de técnicas corporais, como bem afirma Grando (2005):

Para as sociedades indígenas, as formas de transmissão das técnicas corporais, ou da “educação do corpo” no sentido de “fabricação da pessoa”, transforma o corpo biológico em corpo social e possibilita que a pessoa passe a se identificar em seu grupo e por ele seja identificado. Essa “educação do corpo”, não se distingue da instrução como a vemos no contexto escolar, dá-se de forma consciente e por transmissão simples, são os mais velhos que procuram instruir cada pessoa sobre tudo o que fazem, sabem ou crêem. (Grando, 2005, p.167)

Entende-se, dessa forma, o lugar de importância que tem o corpo como lugar por meio do qual a cultura se expressa. As crianças Tembé desde cedo convivem com as pinturas e adereços nos corpos, com as danças, os rituais de cura etc. Assim sendo, o envolvimento ativo com as práticas corporais é um importante elemento na transmissão de saberes linguísticos e culturais. Além disso, atribui-se às práticas corporais uma conexão forte com o legado cultural, transformando-se, assim, fortes aliados no ensino da língua.

### **As ciências do léxico e suas contribuições para o ensino de língua**

Os Tembé do Guamá por um significativo período ficaram sem praticar sua língua no cotidiano pelas razões já discutidas. O desejo de voltar a falar sua língua tem se manifestado de várias maneiras, uma delas por meio da luta para dispor do ensino de língua Tembé nas escolas da Aldeia. Ao lado desse esforço, também têm retomado práticas corporais importantes. Sabe-

se que cada uma dessas práticas e os elementos nelas envolvidos são traduzidas por um léxico na língua Tembé que ainda não é de domínio de toda a comunidade que está em processo de aprendizado. Entendemos que o registro e o ensino do léxico são muito importantes nesses contextos e podem ser apoiados pelo conhecimento desenvolvido pelas ciências do léxico como discorremos nesta seção.

No passado, o ensino do léxico era baseado na ideia de que cada palavra tinha apenas um significado associado a ela. No entanto, com o progresso e aperfeiçoamento dos estudos envolvendo a língua, como a sociolinguística a pragmática e outros, recentemente percebe-se que as palavras podem ter diferentes significados a depender do contexto em que estão enquadradas. Desse modo, o ensino do léxico, atualmente, tem despertado a atenção para se compreender como se constitui a aquisição lexical de um povo. Conforme determina Gil e et al, (2019):

O ensino do léxico foi tratado tradicionalmente com base no princípio unívoco da equivalência lexical, por meio do qual se entendia que para cada unidade lexical haveria um único significado associado. O desenvolvimento dos estudos do discurso, incluindo a Sociolinguística, Pragmática, Linguística de Texto, Análise do Discurso, contribuíram para que se alterasse esse entendimento e se passasse a tratar a unidade lexical como escolha lexical, o que faz com que o léxico passe a ser visto como uma propriedade discursiva, por meio do qual se evidenciam ideologias particulares. (Gil e et al, 2019, p.11-12)

A partir dessas observações a respeito do avanço do ensino do léxico, é importante salientar que esse progresso foi extremamente pertinente para o ensino de língua, abrangendo a compreensão linguística, estudos culturais e variação linguística. A compreensão linguística, como um meio pelo qual se pode entender e ter conhecimento de como as palavras de determinada língua são formadas e, conseqüentemente, compreender seus significados. Já quando se trata dos estudos culturais, pode-se dizer que o léxico é a manifestação da cultura de uma comunidade linguística, uma vez que se preocupa em estudar o vocabulário de uma língua, que é por onde as tradições, os valores, crenças e aspectos culturais são repassados. Por conseguinte, temos a variação linguística, considerando que o léxico é sensível à variação, uma vez que as palavras se expandem consideravelmente, seja por contato linguístico, seja por aquisição de um novo termo.

Ademais, o sistema lexical de uma língua é considerado um reservatório que auxilia na preservação da cultura, dos conhecimentos e valores de um povo. Ele é também indicador da percepção de mundo que o homem traçou ao longo de sua vida. Sendo assim, também é encarregado pelo processo de nomeação dos seres, coisas, objetos e tudo o que está inserido no mundo, como pontua Biderman (1996):

Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Por outro lado, o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos lingüísticos. (Biderman, 1996, p. 27-28)

Para mais, o sistema lexical é conduzido por um conjunto de ciências dedicadas ao desenvolvimento dos estudos lexicais. Essas ciências são dedicadas à estruturação, organização e classificação da língua, e dentre ela estão inseridos ramos que se dedicam ao estudo do léxico, como a lexicologia, a lexicografia e entre outras. Apesar dos estudos do léxico terem eixos de pesquisa distintos, eles seguem uma dinâmica comum: explicar e entender como as palavras do vocabulário de uma língua se comportam, seja a questão estrutural seja a sua classificação.

Desse modo, de acordo com Biderman (2001), a lexicologia, ciência que faz parte dos saberes lexicais, é voltada à análise das palavras, suas categorias e sua estrutura, ou seja, tudo que diz respeito ao estudo da formação das palavras, assim como as relações entre elas, auxiliando na compreensão de como o vocabulário de uma determinada língua está organizado e como ele se expande ao longo do tempo. E isso é afirmado nos estudos de Contiero e Ferraz (2014) como segue:

A Lexicologia fundamentalmente focaliza o estudo das unidades lexicais que formam o léxico de uma língua, incluindo as classes de palavras, ou seja, as categorizações léxico-gramaticais, bem como o estudo da criação lexical, os neologismos. Estes levam em conta as alterações sincrônicas e diacrônicas que ocorrem nos processos de formação de palavras novas, o que nos leva a uma melhor compreensão da cultura e da história de um povo. (Contiero e Ferraz, 2014, p.47)

Já a lexicografia, no que lhe diz respeito, é um ramo da ciência que estuda a descrição do vocabulário de uma língua. Ela se ocupa em definir os signos lexicais atribuído a um conceito, além disso, essa disciplina, se preocupa em estudar a criação e organização de dicionários. A lexicografia coleta, classifica, define e organiza as palavras de uma língua em dicionários. De acordo com Krieger (2006, p.159), a principal função da lexicografia é: “[...]caso típico da lexicografia, cuja tarefa é repertoriar as unidades lexicais em dicionários”. Portanto, o estudo dessa ciência contribui embasando o registro do acervo lexical de sua cultura.

Assim sendo, as contribuições dessas ciências são essenciais para se compreender, caracterizar e empregar de forma eficaz o vocabulário de uma determinada língua em uso. Além disso, as pesquisas voltadas para as ciências do léxico também contribuem em muito para as abundantes áreas da compreensão linguística, como é o caso do ensino de língua.

***Léxico, cultura e ensino de língua***

Biderman (2001, p.13) define o léxico como sendo “forma de registrar o conhecimento do universo”. Com isso, entende-se que o léxico de uma pessoa se expande de acordo com o impulso de sua vida social. A título de exemplo: uma criança, quando inicia suas primeiras palavras, uma delas certamente será o seu nome e o das pessoas ao seu redor. Conforme ela for crescendo e tendo contato com outras pessoas e objetos, seu vocabulário conseqüentemente se expandirá gradativamente, sendo considerado, então, uma forma que o ser humano encontra de registrar o conhecimento de mundo.

Com base nisso, é possível afirmar que léxico e cultura são dois elementos inseparáveis. Assim, para Cortiero e Ferraz (2014, p.48): “Cultura e língua são dois aspectos indissociáveis. A língua expressa os elementos da cultura a cada momento, tais como as artes, a música, a religião, a moda, e assim por diante. A representatividade da língua não tem fim.”

Isso nos faz refletir que o léxico está intrinsecamente ligado ao processo de socialização entre indivíduos, como instrumento de comunicação, de repasse de cultura, de guarda de saberes, uma vez que é salvaguarda de uma língua e responsável por manter e perpetuar a historicidade de um povo. Funciona, também, também como banco de informação e repositório de experiência secular de uma comunidade. Com isso, toma-se por conhecimento que o léxico é parte essencial para o ensino de língua, uma vez que é por meio dele que os indivíduos conseguem perpetuar seus saberes.

Dessa forma, entende-se que o ensino do léxico é de grande relevância e, no caso das línguas ameaçadas ou em processo de revitalização, o ensino do léxico é fundamental, principalmente se associado às atividades culturais do povo.

Como vimos argumentando ao longo deste estudo, o contexto do ensino de línguas em processo de revitalização se fortalece quando associado à cultura e, no caso específico deste estudo, compreendemos a importância do registro lexical de um campo semântico-lexical muito importante, o das partes do corpo humano, haja vista a importância do corpo nas práticas corporais da cultura Tembé-Tenetehára e a ausência de um registro específico destinado ao público infantil. Essa percepção motivou o levantamento lexical que apresentamos na seção seguinte.

### **O léxico do corpo humano em língua Tembé**

Conforme já mencionado, o campo semântico-lexical que propomos para ser abordado neste estudo é o campo do corpo humano. A escolha desse campo semântico-lexical deve-se a vários fatores: a) a possibilidade de ser utilizado como objeto de discussão de vários temas em diferentes disciplinas, tais como higiene, saúde, sexualidade, ética, tabus etc; b) um elemento

da língua de significado e referente facilmente identificáveis pelo público infantil de diferentes idades; d) o fato de apresentarem uma certa fixidez e longevidade dos significados ao longo do tempo; e) o fato de serem o elemento fundante para um grande número de metáforas das línguas e, portanto, necessário para o entendimento das metáforas da língua Tembé.

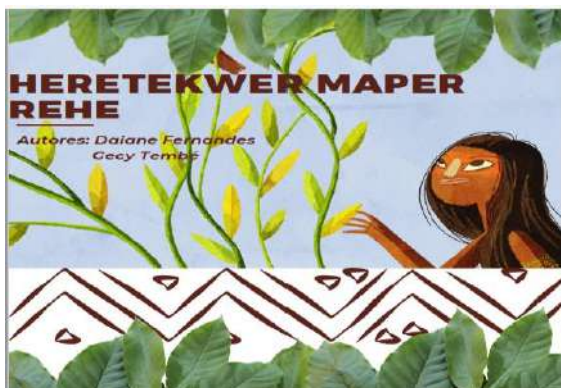
A seguir é apresentado um quadro contendo o léxico referente às partes do corpo humano em língua Tembé e seu equivalente em português.

QUADRO 1 - LÉXICO REFERENTE ÀS PARTES DO CORPO HUMANO					
CABEÇA			MEMBROS SUPERIORES		
Nº	TEMBÉ	PORTUGUÊS	Nº	TEMBÉ	PORTUGUÊS
01	<i>Ka`g</i>	Cabeça	34	<i>Zywa</i>	Braços
02	<i>Aw</i>	Cabelo	35	<i>Zywaw ir</i>	Axila
03	<i>Ràpykàg</i>	Testa	36	<i>Zywa mànàg</i>	Cotovelo
04	<i>Hazyw</i>	Queixo	37	<i>Po</i>	Mão
05	<i>Nàmi</i>	Orelha	38	<i>Kwà</i>	Dedos
06	<i>Xi</i>	Nariz	39	<i>Kwà hu</i>	Dedo polegar
07	<i>Há</i>	Olho	40	<i>Kwà hu rakehar</i>	Dedo indicador
08	<i>Zuru</i>	Boca	41	<i>Kwà hu rakehar-a</i>	Dedo médio
09	<i>Me</i>	Lábio	42	<i>Kwà miri rakehar</i>	Dedo anelar
10	<i>Peku</i>	Língua	43	<i>Kwà miri</i>	Dedo mínimo
11	<i>Ràz</i>	Dente	44	<i>Po apyter</i>	Palma da mão
12	<i>Az kyr</i>	Garganta	45	<i>Poàpen</i>	Unha da mão
13	<i>Ua</i>	Bochecha			
14	<i>Heha àgr pyterum</i>	Menina dos olhos	MEMBROS INFERIORES		
15	<i>Uwa</i>	Face, rosto	46	<i>'u</i>	Coxa
16	<i>-amutaw-a</i>	Bigode/barba	47	<i>Pynàràg</i>	Joelho
17	<i>Iàkàg apirer</i>	Casco da cabeça	48	<i>Tymà</i>	Pernas
18	<i>Iàkàg apiw</i>	Moleira	49	<i>Ràtymà rea'o</i>	Batata das pernas
19	<i>Kumy</i>	Céu da boca	50	<i>Pyakaza</i>	Calcanhar
			51	<i>Py</i>	Pé
20	<i>Inami apyr</i>	Ponta da orelha	52	<i>Py ku'pe</i>	Peito do pé
21	<i>Y'ai kyrer</i>	Papada/abaixo do queixo	53	<i>Py pyter</i>	Planta do pé
22	<i>Hatypy</i>	Canto da boca	54	<i>Pyha</i>	Dedo do pé
23	<i>Reme</i>	Beijo	55	<i>Pyhà hu</i>	Dedão
24	<i>-upeaw</i>	Cílios/pálpebras	56	<i>Pyhà hu rakehar</i>	Dedo próximo ao dedão
25	<i>Pito'om</i>	Cérebro/miolo	57	<i>Pyhà hu rakehar</i>	Dedo do meio
			58	<i>Pyhà miri</i>	Dedo mínimo
			59	<i>Pyhà miri rakehar</i>	Dedo próximo ao mínimo
TRONCO			60	<i>Pyàpen</i>	Unha do pé
26	<i>Rupykàg</i>	Pescoço			
27	<i>Puxi'a</i>	Peito			
28	<i>Kupe</i>	Costas			
29	<i>Kàm</i>	Seio			
30	<i>Py'a</i>	coração/figado			
31	<i>Axi'i</i>	Ombro			
32	<i>Rie</i>	Barriga			
33	<i>Riwyro'o</i>	Nádegas			

Do total de 81 unidades lexicais, selecionamos 60, juntamente com os professores, considerando as unidades reconhecidos por estes e ainda em uso pelos falantes da Aldeia Sede. Nota-se que as unidades lexicais estão subdividas nas três tradicionais divisões do corpo humano: cabeça, tronco e membros (superiores e inferiores). Do total de 81 unidades lexicais, selecionamos 60, juntamente com os professores, considerando as unidades reconhecidos por estes e ainda em uso pelos falantes da Aldeia Sede. Nota-se que as unidades lexicais estão subdividas nas três tradicionais divisões do corpo humano: cabeça, tronco e membros (superiores e inferiores).

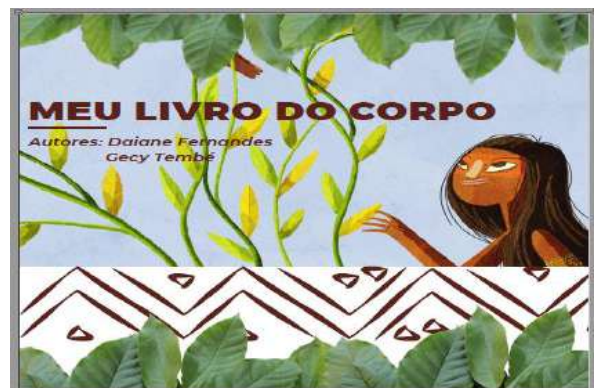
O levantamento constitui o corpus a ser utilizado em um livro destinado ao público infantil. A proposta é que o livro contenha cinco elementos estruturais básicos: a) a palavra escrita em língua Tembé; b) a ilustração feita pelas crianças; c) uma pequena frase em Tembé em que a palavra apareça (o contexto de uso); d) sequências de imagens que representem práticas corporais diversas do povo Tembé-Tenetehára; e) o equivalente em português, item ainda em discussão. A sequência das unidades lexicais não seguirá a ordem alfabética da língua Tembé, mas a sequência das partes do corpo a ser adotada em consenso com os professores da língua Tembé.

[Figura 4: capa do livro título em Tembé]



Fonte: Braga, 2024.

[Figura 5: capa do livro título em Português ]



Fonte: Braga, 2024.

Note-se que, no quadro apresentado, o equivalente em português está registrado em linguagem do cotidiano com poucas exceções. A ideia de ser um livro bilíngue ainda está em processo de definição a respeito do que venha a ser mais proveitoso para um contexto de revitalização linguística em que a primeira língua das crianças ainda é o português.

### ***Contribuições do léxico das partes do corpo humano para o ensino de língua indígena***

O léxico referente às partes do corpo humano, objeto de estudo deste trabalho, afigura-se como sendo instrumento para preservação e manutenção da língua e cultura dos povos indígenas., uma vez que ambas se encontram ameaçadas pela língua e cultura consideradas majoritárias, devido ao processo de colonização, urbanização e globalização. Com isso, o ensino do léxico associado às práticas corporais é um meio que auxilia nesse processo de revitalização e preservação da língua e cultura indígena.

Melo (2014) aborda a questão do léxico como uma peça fundamental da língua que, ao longo do tempo, será moldada e compartilhada pela sua comunidade. À vista disso, pensar no léxico como instrumento de ensino é também considerar que ele é a dimensão social e cultural de uma língua. Quando voltamos o léxico para o contexto das línguas indígenas, percebemos que a importância do léxico se expande, pois essas línguas salvaguardam saberes ancestrais e formas singulares de interação e comunicação com o mundo.

O ensino do léxico, por meio das práticas corporais, vai muito além de um trivial conjunto de palavras ou práticas exercidas pelos povos indígenas. Quando discutimos a respeito da importância das práticas corporais associadas ao léxico e, principalmente, ao ensino, estamos levantando a questão de ser uma forma encontrada por esses povos para o fortalecimento de sua língua e de seus modos de viver.

Em razão disso, concebemos que o ensino do léxico referente às partes do corpo e vinculado às práticas corporais como a dança, grafismos corporais, jogos, rituais e cantorias, dão oportunidade de se pensar o corpo como um elemento primordial na cultura do povo indígena, sobretudo do público infantil que, aprendendo a língua, dessa maneira, ganha reforço linguístico e cultural. Assim, como confirma Biderman (1996):

[...]lembro que a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura. E o *léxico* da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre. De um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar (Biderman, 1996, p.44)

Evidenciando que língua e cultura são aspectos inseparáveis, o léxico é tomado como veículo para a preservação de ambas, essencialmente em contexto de revitalização linguística, em que o povo ainda está em processo de aquisição de vocabulário e, conseqüentemente, no esforço de nomear elementos da realidade física e cultural, sendo um ponto relevante para a

preservação de patrimônios históricos, de resistência cultural de um povo e para a transmissão de conhecimento cultural.

### **Material didático e revitalização linguística**

A ameaça às línguas minoritárias é um processo que vem ocorrendo desde o período colonial até o presente momento, com a implementação da globalização e avanço tecnológico. Maia (2006) descreve como grupo minoritário são atingidos por esses fatores:

A globalização dos valores econômicos, sociais e culturais, impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico, acaba por impor um nivelamento ou absorção das populações minoritárias periféricas pelos grupos majoritários hegemônicos. Nessas circunstâncias, a grande maioria das línguas faladas atualmente no mundo está, de fato, ameaçada de extinção. (Maia, 2006, p. 62)

Em razão desses eventuais acontecimentos, entendemos que a documentação de língua indígena, em material didático, para os povos indígenas, é um meio que garante a sobrevivência de suas línguas, e conseqüentemente, de suas culturas. A ausência de documentação de línguas foi um dos motivos pelos quais atualmente muitas línguas são consideradas línguas mortas.

Além da extinção de muitas línguas, outras lutam com o pouco que têm pela sua sobrevivência. Um exemplo disso é a preocupação dos mais velhos em passar adiante para os mais jovens seus saberes, com o intuito de fazer com que sua cultura sobreviva aos males instalados pelos grupos majoritários. Contudo, é uma luta desigual, visto que a tecnologia e a mídia são fortes em comparação com os poucos recursos que as aldeias têm, e isso tem sido uma enorme preocupação dos linguistas, como informa Franchetto (2020):

Muitas contam somente com uns poucos falantes idosos, seus filhos bilingües e seus netos bilingües passivos em língua indígena; a geração seguinte será, certamente, monolíngue na língua dominante, a da escola e da mídia. Apesar dos inegáveis avanços da pesquisa nas últimas duas décadas, línguas morrem duplamente, sem deixar rastros, pois não contam com qualquer documentação ou tem registros parciais ou superficiais. Abandonar a língua materna e adotar a língua dominante, no curto espaço de tempo de duas ou três gerações, tem sido muitas vezes a única escolha capaz de garantir a sobrevivência de indivíduos e de suas parentelas. (Franchetto, 2020, p.22)

Essas razões citadas pela autora são realidades comuns da comunidade Indígena Alto Rio Guamá, situada no estado do Pará, que com todo seu esforço, vem lutando em favor da sobrevivência da língua, cultura e território de seu povo. Franchetto (2020) relata que o processo de retomada linguística tem sido conduzido pela vontade dos próprios indígenas e, de fato, isso é uma realidade do povo Tembé, que manifesta o desejo de que esse processo de revitalização

progrida o mais rápido possível. Enquanto isso, eles resistem por meio do reduzido número de falantes da comunidade para propagar sua língua.

Ferreira (2020) defende a presença de material didático nas aldeias como forma de suporte para os professores que relatam a ausência dos materiais que deem suporte a descrição linguística e gramatical de sua língua.

Portanto, entende-se que é necessário e urgente o apoio de políticas públicas que percebam a magnitude das línguas indígenas como sendo um patrimônio cultural, não só de suas comunidades, mas do país. O recurso do material didático é uma forma de reforçar a identidade cultural do povo Tembé para auxiliar na expansão, fortalecimento e manutenção de sua língua ancestral.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como finalidade a discussão a respeito da importância do léxico vinculado às práticas corporais e culturais para a construção de material didático, que possa ser utilizado como suporte para o ensino de língua indígena na escola da Aldeia Sede e de outras aldeias Tembé. Esse é um anseio dos próprios professores indígenas, que demonstraram a preocupação com a ausência de material de suporte e também a ausência de políticas públicas auxiliem nesse processo de retomada linguística.

Ademais, o ensino do léxico vinculado às práticas corporais e culturais indígenas é uma forma pela qual a manutenção da língua e cultura pode ser concretizada, uma vez que léxico e cultura são aspectos importante no ensino de língua, já que são inseparáveis. Com isso, percebemos que, associado ao ensino, é um forte aliado na manutenção de língua, visto que essas práticas fazem parte do cotidiano dos povos indígenas, ganhando um significado muito maior na hora do ensinar.

Além disso, entendemos o quão urgente é a documentação das línguas como aporte para assegurar a perpetuação de sua língua, que é tida como a identidade de seu povo, uma vez que é por meio dela que o indivíduo consegue expressar sua cultura, seus costumes e tradições. Dessa maneira, estamos aqui contribuindo com aqueles que, desde os tempos coloniais vêm lutando em favor de seus direitos.

Portanto, esperamos que esse estudo desperte leitores não indígenas a respeito da urgência de documentação das línguas indígenas para as gerações mais jovens que serão os que levarão a língua e a cultura adiante se houver e a urgência da elaboração de material que sirva como apoio ao ensino da língua Tembé para contribuir com o processo de luta pela conquista de seus direitos, desses indígenas que estão sendo os próprios protagonistas de suas histórias.

## Referências

- ALMEIDA, A. et al. **As práticas corporais e a educação do corpo indígena:** a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. Florianópolis. v.32, n. 2-4, p.59-74. Dez. 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/461>. Acesso em 08 fev 2022.
- ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SAUSSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida. **Práticas corporais, sentido e significado:** uma análise dos jogos dos povos indígenas. Movimento revista de educação física da UFRGS. Porto Alegre, v.16, n. 04, p. 53-71, out./dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/12829/10844>. Acesso em 28 outubro. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM.** 12. ed. São Paulo: hucitec, 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental.** Alfa. São Paulo, v.40, p.27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 29 março 2022.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico.** 2º. ed. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001. 23 p. Disponível em: [https://filologiauefs.files.wordpress.com/2019/03/biderman\\_o-1c3a9xico.pdf](https://filologiauefs.files.wordpress.com/2019/03/biderman_o-1c3a9xico.pdf). Acesso em: 20 maio 2022.
- BOUDIN, M. H. Dicionário de Tupi-Moderno (dialetos Tembê-Tênêthár do alto rio Gurupi). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2 v.
- CONTIERO, Elza; FERRAZ, Aderlande Pereira. **A neologia de empréstimos no LDP uma abordagem a partir dos atos discursivos.** Léxico: Investigação e Ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts. p. 45-59. 2014. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=VxFk4G8AAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em 01 abril 2022.
- COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. **Revitalização e ensino de língua indígena:** interação entre sociedade e gramática. 2013. p.354. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Unesp, São Paulo. 2013. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103623/costa\\_fvf\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103623/costa_fvf_dr_arafcl.pdf?sequence=1). Acesso em 10 junho 2022.
- FERREIRA, Rogério Vicente. **Uma reflexão sobre material didático e descrição linguística.** Cadernos de Linguística, v. 1, n. 3, p. 01-18, 2020. disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/download/216/204/>. Acesso em: 05/03/2023.
- Franchetto, Bruna. **Língua(s):** cosmopolíticas, micropolíticas, macropolíticas. Curitiba: Campos v.21 n.1 p. 21-36 jan/jun.2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/issue/download/3033/Campos%2021%281%29%202020>. Acesso em 18 Out 2023.
- Freitas, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- GIL, Beatriz. et al. **Saberes lexicais.** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo- Usp. 2019.
- Grando, Beleni Saléte. **Corpo e educação:** as relações interculturais nas práticas corporais

Bororo em Meruri-MT. 2004. 357 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30367839.pdf>. Acesso em 18 fev 2024.

Grando, Beleni Saléti. **Corpo e Cultura: a educação do corpo em Relações de fronteiras étnicas e culturais e a Constituição da identidade Bororo em meruri-mt.** Mato Grosso: Pensar a Prática 8/2: 163-179, Jul./Dez. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/112/107>. Acesso em 18 fev 2024.

GOMES, Mércio Pereira Gomes. **O índio na história: o povo Tenetehára em busca da liberdade.** Petrópolis: vozes, 2002. 632p.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil: passado, presente e futuro.** 1. ed. São Paulo: contexto, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. **Lexicologia: o léxico no dicionário. O léxico em estudo.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. p. 157-171.2006.

MAIA, Marcus. **A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngue.** Campo Grande: Tellus, ano 6, n. 11, p. 61-76, out. 2006. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/105>. Acesso em 15 Nov 2023.

MELO, Eliana Meneses de. **Inclusão social e cotidiano hipermidiático léxico, leitura e ensino superior.** Léxico: Investigação e Ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts. p. 88-100.2014. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=VxFk4G8AAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em 01 abril 2022.

RODRIGUES, Aryon Dall` Igna. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.** Universidade de Brasília: Delta, vol. 9, n, 1, p.83-109, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>. Acesso em 10 jan 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall` Igna. **Línguas Indígenas: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo: Loyola, Universidade Estadual de Campinas.1986.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. **Os índios Tenetehara. Uma cultura em transição.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.1961. 242p. Ministério da educação e cultura/Serviço de Documentação.

**Abstract:** This work consists of a study of the lexicon of the parts of the human body, associated with bodily practices, in the Tembé language, spoken by the Tembé-Tenetehára people, inhabitants of the Alto Rio Guamá Indigenous Land (TIARG), state of Pará. We start from the assumption that the lexicon of a language carries and safeguards historical, cultural and linguistic information about a society, among others. To carry out this study, we used bibliographical research and field research. The bibliographic research is mainly based on authors such as Biderman (1996), Krieger (2006), with regard to the study of the lexicon, Rodrigues (1986; 1993), Boudin (1966; 1978), Carvalho (2001) and Silva (2010) as a source for indigenous linguistics and for the Tembé language specifically; Wagley and Galvão (1961) and Gomes for the Tenetehára historiography, as well as Almeida and Suassuna (2010) and Grando (2024) for reflections on bodily practices. The field research was carried out in Aldeia Sede, with Tembé indigenous language teachers from that village as its main collaborators. Based on this study, a book aimed at children was created with the aim of being used as teaching material in teaching the Tembé language and, thus, contributing to strengthening the lexical and cultural proficiency of the target audience. It is important to highlight that the development of teaching material is a need expressed by teachers of the Tembé indigenous language who are experiencing processes of revitalization of their language and culture. This research aims contribute to the expansion, strengthening and maintenance of the language and culture of the Tembé-Tenetehára people, stimulated by their protagonism and desire to remain.

**Keywords:** Lexicon; Body practices; Parts of human body; Tembé language.